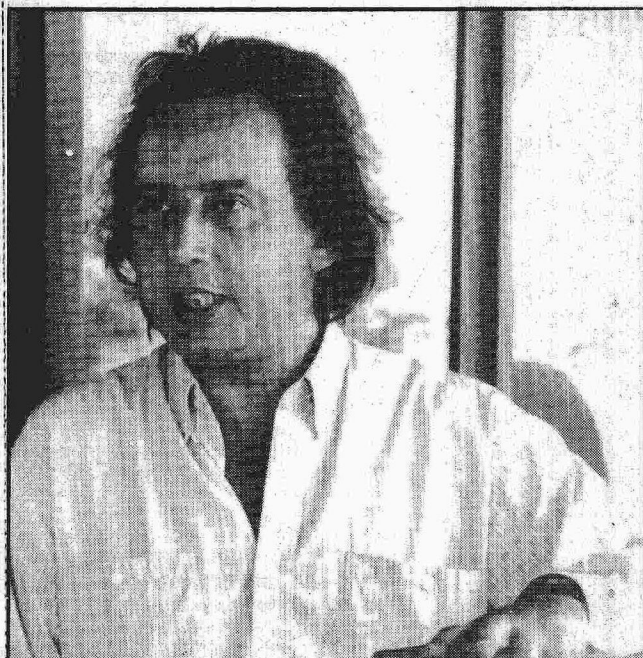


ENCONTRO

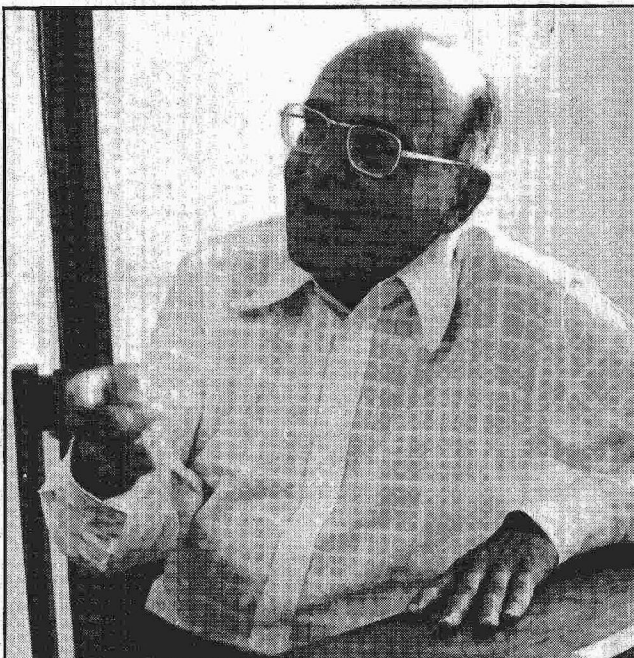
DF - arte

Luzes brasilienses sobre o modernismo

Intelectuais da cidade debatem hoje a importância e a ressonância do divisor movimento da Semana de Arte de 22



Guilherme Vaz: Brasil em direção às estrelas



Cassiano Nunes: o escritor dá seu testemunho



Clóvis Sena: "Não houve um cinema modernista"

Fotos: Arquivo

SEVERINO FRANCISCO

A Semana de Arte Moderna não vai passar em brancas nuvens em Brasília. O Instituto Histórico e Geográfico do DF promove, hoje, às 17h00, em seu auditório (Av. W4 Sul — Quadra 703/903) um painel com a participação de intelectuais brasilienses sobre a passagem dos 70 anos da Semana de Arte Moderna de 22. Clóvis Sena (coordenador), Guilherme Vaz (música), Cassiano Nunes (testemunho), Fernando Mendes Vianna (poesia), Wagner Barja (artes plásticas) e B. de Paiva (teatro). O encontro será gravado para o Museu da Imagem e do Som e será exibido em sessões públicas do Instituto.

O encontro não tem maiores pretensões do que a de marcar a presença e a reflexão dos intelectuais brasilienses sobre a Semana de 22 — explica Clóvis Sena, crítico de cinema e coordenador do debate.

te: "Queremos um encontro com a ampla possibilidade de participação do público para o debate, a opinião, o aparte". Embora seja apenas coordenador, Sena não resistirá em dar o seu pitaco: "Eu vou mostrar um fato insólito: não houve cinema modernista. Eles não se interessaram pelo cinema. Só Oswald faz algumas referências ao cinema. Ora, como se falar em linguagem moderna e não falar em cinema? O cinema é a única coisa nova do século XX. Engraçado é que os modernistas caíram de pau precisamente no único cara que escreveu e que se interessou em cinema em seu tempo: Coelho Neto. Ele chegou inclusive a realizar um filme intitulado *Mistérios do Rio de Janeiro*, que não pude ver até hoje, mas imagino que não tenha uma linguagem moderna. De qualquer modo, é um fato curioso na história do modernismo".

Embora seja reconhecido como músico, Guilherme Vaz se preocupa mais com a constelação de idéias

que move as múltiplas linguagens da arte. Em sua intervenção, ele pretende chamar a atenção tanto para aspectos subterrâneos do modernismo quanto para a necessidade de uma releitura das idéias do movimento. O que acha mais essencial no modernismo é a sua proposta de uma civilização tropical, leve, sofisticada, refinada e bela: "Acho que o Hélio Oiticica conseguiu materializar esta utopia em sua arte. É algo que não tem mais nada a ver com a Europa. Coisa que os concretos não compreenderam muito bem. A leitura que os concretos fazem de Oswald remete muito mais a Ezra Pound e não à civilização tropical. O Brasil de Oswald cresce em direção às estrelas e não em direção às raízes. É um Brasil em direção ao cosmos e não à Terra. Estava interessado no batuque das estrelas". E o que existe de mais deletério no modernismo é a vertente "Anta" do movimento, criada por Plínio Salgado, que resultou no fascismo tupiniquim: "Esta é a raiz de todos os movimentos de direita no

Brasil. É o próprio incesto de uma visão conservadora de Brasil".

Brasília é uma cidade sintonizada com o modernismo deflagrado por 22. As suas curvas têm a ver com o desenho sinuoso de Tarsila do Amaral ou de Anita Malfati ou com a utopia oswaldiana de uma civilização dos trópicos. Mas também tem muito a ver com as antas integralistas — fulmina Guilherme: "Brasília já estava implícita no modernismo. Eles criaram uma capital da arte e era preciso criar uma nova capital territorial, capaz de integrar as tribos brasileiras. O problema é que as idéias da Semana de Arte Moderna não são ainda um fato social em um sentido mais amplo no Brasil. O País ainda tem uma mentalidade de 1720. Quem veio para o Brasil foram os degredados. Quem veio para Brasília também foram os degredados do País, ávidos por dinheiro, dominados por uma mentalidade predatória, antas que odeiam as artes".

Uma releitura do modernismo

tem de passar necessariamente pelo esquecimento a que o movimento relegou artistas precursores do calibre de Gregório de Matos, Sousaândrade ou Euclides da Cunha — argumenta Vaz. E pra fechar, um toque sobre a música: "Villa-Lobos é um músico de altos e baixos. Nos momentos altos, ele criou novas imagens musicais nunca dantes vistas na Europa: palmeiras, animais sonoros. Nos momentos baixos caiu no nacionalismo ideológico. Mas o fato mais importante do modernismo foi chamar a atenção para a criação primitiva do País, a música popular de Donga, Heitor dos Prazeres, Mário Reis. Esta libertação é fundamental na história do pensamento musical brasileiro. A música erudita é, tradicionalmente, autoritária".

□ **PAINEL SOBRE A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 22** — Participação de Fernando Mendes Viana, Guilherme Vaz, Clóvis Sena, Wagner Barja, B. de Paiva, Cassiano Nunes. Hoje, às 17h00, no Instituto Histórico e Geográfico, Quadra 703/903 Sul.